**AVALIAÇÃO DA INDICAÇÃO DE FORMAS FARMACÊUTICAS CONVENCIONAIS PARA PACIENTES PEDIÁTRICOS**

Débora Lopes de Santana1 Emanuelle Milayne Araújo dos Santos 2 Marcos Antônio Lacerda Nunes Filho3 Ianca Karine Prudencio Albuquerque1 Danielle Patrícia Cerqueira Macêdo1

1Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, PE.

2Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Recife, PE.

3 Centro universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU, Recife, PE.

**INTRODUÇÃO:** A forma farmacêutica consiste no modelo final do medicamento que é oferecido ao paciente, como soluções sólidas e líquidas. Do ponto de vista pediátrico, líquidos por via oral é a forma mais utilizada de administração, já que sólidos como os comprimidos são indicados apenas a partir dos 6 anos de idade, desde que avaliada a capacidade de deglutição. No entanto, o processo de adesão à farmacoterapia pelo público infantil é um desafio, visto que encontra-se uma certa resistência na administração devido às propriedades organolépticas dos medicamentos como forma, textura, cheiro e especialmente o sabor. **OBJETIVO**: Reunir principais aspectos das formas farmacêuticas convencionais avaliando seu uso em pacientes pediátricos. **REVISÃO:** Realizou-se uma revisão bibliográfica integrativa de artigos originais, utilizando os termos, nas versões inglesas e portuguesas: “formulações farmacêuticas” e “crianças”, combinados nas plataformas de busca: ScienceDirect, Pubmed, Biblioteca Virtual em Saúde e Periódicos CAPES.A seleção dos artigos se deu a partir dos títulos, respeitando os critérios de inclusão: texto disponibilizado integralmente na plataforma; e de exclusão: ano de publicação fora do intervalo de 2015 a 2020, repetição nas bases de dados e acesso pago.A busca resultou em 1.600 artigos, dos quais 15 atendiam aos critérios. De acordo com os estudos, a prescrição de formas farmacêuticas (FF) sólidas convencionais, como cápsulas e comprimidos, não são preferíveis para pacientes pediátricos, principalmente os com idade entre 0-8 anos. Segundo os autores, o estágio anatômico, funcional, e fisiológico destas crianças são diferentes das demais, e comprometem a capacidade de engolir medicamentos neste formato, expondo-os ao risco de asfixia. Já as formas farmacêuticas líquidas convencionais, como xaropes, soluções e suspensões, não apresentam esta problemática, e podem ser opções farmacoterapêuticas para crianças de todas as idades. No entanto, possuem limitações, como: precisão da dose, que pode ser afetada pelo dispositivo de medição usado pelo paciente, e a dificuldade de mascaramento do sabor do desagradável do princípio ativo, que pode afetar a adesão e continuidade do tratamento. **CONCLUSÃO**:As formas farmacêuticas convencionais sólidas e líquidas não são tão adequadas à população infantil, dada as características peculiares deste grupo. Diante deste cenário, se faz necessário a prescrição e/ou desenvolvimento de formulações inovadoras que atendam as necessidades deste público.

**Palavras-Chave:** Formas Farmacêuticas, Farmacotécnica, Crianças.